

FEIRAS LIVRES E PAISAGEM URBANA: Um olhar sobre a Feira do Manguirão em São Luís (MA)

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E
DA GESTÃO DA PAISAGEM

Mateus Ferreira Pinto
Universidade Estadual do Maranhão
ferreirarqurb@gmail.com

Davi Sena Batalha Pinheiro
Universidade Estadual do Maranhão
davisenarqurb@gmail.com

João Marcelo Dias Wolff
Universidade Estadual do Maranhão
joamarcelodiaswolff@gmail.com

Carolina Maria de Araújo Martins Silva
Universidade Estadual do Maranhão
carolinasilva@professor.uema.br

RESUMO

O presente artigo busca discutir o espaço em que está instalada a Feira do Manguirão, localizada no bairro da Divinéia, em São Luís (MA). A motivação do trabalho se dá a partir da existência de problemas que levam à perda da dimensão humana desse local, como insalubridade, falta de acessibilidade, indefinição entre vias para pedestres ou veículos, entre outros. Para a realização de um diagnóstico, foi definido um recorte espacial de 400m x 400m para a realização de visitas *in loco* para registros fotográficos e levantamento qualitativo dos problemas mencionados para posterior análise e proposição de soluções. Além disso, o desenho urbano foi explorado por meio de *softwares* cartográficos e BIM para melhor entendimento da área estudada. Com isso, os problemas foram identificados e houve definição de potenciais intervenções para a feira. O trabalho objetiva demonstrar a importância das feiras livres para a paisagem urbana e como o espaço público interfere nas dinâmicas de fluxo e bem-estar social.

PALAVRAS-CHAVE: feiras livres; desenho urbano; paisagem urbana; Feira do Manguirão.

ABSTRACT

The present article seeks to discuss the space in which the Feira do Manguirão is located, situated in the Divinéia neighborhood in São Luís (MA). The motivation for this study stems from the existence of issues that lead to the loss of this place's human dimension, such as unsanitary conditions, lack of accessibility, and the absence of clear distinctions between pedestrian and vehicular pathways, among other factors. To carry out a diagnostic assessment, a spatial sample of 400 m x 400 m was defined for conducting on-site visits aimed at photographic documentation and qualitative surveying of the problems, which would later support analysis and the proposal of solutions. Additionally, urban design was explored through cartographic and BIM software to obtain a deeper understanding of the area under study. As a result, the problems were identified and potential interventions for the market were outlined. This study aims to demonstrate the importance of open-air markets for the urban landscape and how public space influences flow dynamics and social well-being.

KEYWORDS: open-air market; urban design; urban landscape, Feira do Manguirão.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem urbana, historicamente, reflete as adaptações de uma determinada sociedade às demandas de produção e habitação em uma área, definindo relações sociais e expressando culturas e costumes, o que faz com que diferentes configurações socioespaciais e novas paisagens surjam ao longo do tempo (Pereira Filho, 2024). Assim, a paisagem urbana envolve a percepção do sensível e do concreto, exprimindo os aspectos materiais, como construções e a natureza, assim como os imateriais, consolidados na memória e nas tradições (Pereira Filho, 2024).

A partir disso, verificam-se os espaços livres públicos como grandes definidores da paisagem urbana, pois são áreas de apoio a atividades multidimensionais, variando de comércio a lazer, contribuindo na rede de circulação e permanência de pessoas, estabelecendo não apenas o funcionamento de cheios e vazios, mas também uma imagem para a cidade (Nunes, 2025). Nesse cenário, destacam-se as feiras livres como uma atividade característica de espaços livres públicos, sendo pontos de comércio, interação social e expressão cultural, articulando diversos âmbitos do bem-estar urbano (Nunes, 2025).

Ainda, cabe ressaltar que o funcionamento das feiras livres é impactado pela configuração física do espaço em que estão inseridas. Nessa ótica, quando bem projetados, espaços públicos livres de comum instalação de feiras livres, como ruas, praças e calçadas, estimulam a circulação constante de pessoas, reforçam a segurança e contribuem para a economia local (Nunes, 2025). Assim, para as feiras livres cumprirem com seu papel na manifestação de costumes e valorização de produtores regionais, é basilar que os espaços sejam acessíveis e inclusivos de forma física, sensorial e informativa, garantindo o acesso e exercício pleno da cidadania a todas as parcelas da população (Nunes, 2025).

Diante desse cenário, projeta-se um olhar sobre a Feira do Manguairão, uma das maiores de São Luís, localizada no bairro da Divinéia e elemento central para o comércio e o abastecimento dos bairros do entorno. Contudo, a análise de seu desenho urbano revela que o espaço não atende adequadamente às demandas da escala humana, apresentando fragilidades infraestruturais, funcionais e sensoriais que comprometem sua utilização por feirantes, usuários e moradores da proximidade. Essas condições impedem que a feira desempenhe plenamente seu papel como espaço de trocas, convivência e expressão sociocultural. Assim, o objetivo deste trabalho é realizar um diagnóstico técnico da Feira do Manguairão, identificando seus principais problemas espaciais, funcionais e ambientais e propondo diretrizes de qualificação que orientem intervenções futuras, visando o pleno funcionamento e valorização da feira livre.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tem como finalidade analisar a dimensão humana do espaço da Feira do Manguairão, examinando seu desenho urbano, entendido como o processo de organização e configuração física dos espaços urbanos, articulando forma, função,

mobilidade e infraestrutura, bem como os obstáculos que comprometem sua acessibilidade e desempenho socioespacial.

Assim, conforme já referido, o objetivo deste estudo é realizar um diagnóstico técnico da Feira do Manguirão, identificando seus principais problemas associado ao desenho urbano e indicando diretrizes de qualificação que possam orientar intervenções futuras para o pleno funcionamento e a valorização da feira livre. Para isso, adotou-se uma metodologia estruturada em três etapas: (1) visitas *in loco*, destinadas ao levantamento das condições espaciais, funcionais e sensoriais; (2) análises cartográficas e modelagens digitais em ambiente SIG e BIM para compreender a morfologia e a paisagem urbana; (3) síntese diagnóstica e elaboração de diretrizes de intervenção, fundamentadas na integração dos dados coletados na escala humana.

Inicialmente, foram realizadas visitas técnicas à Feira do Manguirão para obter uma compreensão mais precisa sobre sua configuração espacial e condições de acesso. O trajeto deu-se do bairro da Cohama até o bairro da Divinéia utilizando ônibus de linha regular, de modo a avaliar o atendimento da área por transporte coletivo, observando o fluxo de passageiros e veículos, assim como as condições reais de chegada dos usuários à feira. Após o percurso de ônibus, procedeu-se a uma caminhada pelo interior do bairro Divinéia até o acesso principal da feira, o que permitiu a identificação de barreiras físicas e perceptivas ao deslocamento a pé. Já no local, foram realizados levantamentos qualitativos dos problemas encontrados, além de registros fotográficos sistemáticos para subsidiar a análise seguinte.

Posteriormente à visita *in loco*, foram analisadas as imagens registradas para verificação da paisagem urbana e dos obstáculos encontrados. Entre os problemas identificados, foram listadas questões sobre a acessibilidade, insalubridade, indefinição entre espaços para veículos e pedestres e falta de conforto durante a caminhada. Nessa etapa, para melhor entendimento do espaço trabalhado e seus entornos, foi utilizado o *software* Google Earth Pro para visualização dos bairros circundantes e quais seriam suas prováveis influências sobre a Feira do Manguirão. Além disso, o *software* BIM Revit (Autodesk) foi utilizado para estudar a morfologia urbana da área da feira a partir do desenho do bairro Divinéia sobre um arquivo CAD, para ser realizada a decomposição das ruas, avenidas e lotes desse espaço.

Já na fase final, foi delimitado um recorte de 400 x 400 metros sobre a extensão da Avenida Brasil, onde se localiza a feira, para investigação mais precisa acerca das dificuldades de pleno funcionamento do espaço e quais seriam as prováveis intervenções para melhoria das atuais condições. Para isso, foram estudados o desenho urbano do recorte definido e a paisagem urbana atual e quais suas influências sobre os fluxos e trocas socioeconômicos. Ao fim, novamente no *software* Revit, foram traçadas ideias projetuais para desenvolver a dimensão humana dessa área.

3 ESPAÇOS E FEIRAS LIVRES E O PLANEJAMENTO HUMANO

3.1 Espaços públicos, feiras livres e a dimensão humana

Os espaços livres são essenciais para o exercício da urbanidade, pois são espaços que levam ao encontro de diferentes grupos sociais e garantem a troca cultural (Nunes, 2025). Nessa ótica, verifica-se que essas áreas urbanas são locais de socialização e construção de vínculos dentro da comunidade (Nunes, 2025). Todavia, para que a função social dos espaços livres públicos seja cumprida, é necessário que sejam

convidativos e acessíveis a todas as parcelas populacionais, garantindo a participação de todos nas atividades realizadas dentro desses ambientes.

Ainda, atividades de gênero múltiplo desenvolvem-se nos espaços livres, com destaque para as feiras, pois, para além do comércio, são exercidas atividades de expressão tradicional, valorizando a cultura vernacular (Nunes, 2025). Entretanto, como são geralmente inseridas em ruas, avenidas e praças, as feiras livres estão sujeitas às características espaciais do urbano, sendo comum a presença de dificuldades que impedem o pleno aproveitamento do espaço e da atividade de trocas de uma feira.

Em complemento, quando as ruas em que as feiras estão inseridas são convidativas, acessíveis e confortáveis, estimulam e fortalecem a convivência social e o comércio regional (Gehl, 2013). Assim, quando esses espaços são frequentados e valorizados em significado e pertencimento pelas pessoas, passam a ser “lugares”, ou seja, ambientes de identificação, conforto e principalmente, permanência (Gehl, 2013). Sendo assim, quando planejados de forma centrada no ser humano frente ao veículo, os espaços públicos livres interferem positivamente na formação das feiras livres, incentivando a interação social, o caminhar e a permanência de pessoas, melhorando a qualidade de vida da cidade e redefinindo a paisagem urbana.

3.2 Feiras livres em São Luís (MA)

Com a chegada dos franceses em 1612 e sua posterior expulsão em 1615 pelos portugueses, São Luís foi incorporada à Coroa de Portugal e planejada a partir de um plano urbanístico traçado pelo engenheiro-mor da colônia, Francisco Frias de Mesquita (Lopes, 2004). Com esse plano, São Luís desenvolveu-se sobre um arruamento regular, proporcional e sem hierarquia de ruas e às margens das águas em uma área que, atualmente, localiza-se o bairro da Praia Grande, integrante do recorte do Centro Histórico tombado como patrimônio cultural da humanidade em 1997 pela UNESCO (Lopes, 2004). Sendo assim, os primeiros comércios da cidade desenvolveram-se em torno da atividade litorânea, principalmente nas Ruas da Estrela e Portugal, que possuíam cotas mais baixas em relação ao nível do mar. Contudo, com a gradual estagnação econômica do Maranhão a partir de 1808 e falha na tentativa de industrialização ao início do século XX, São Luís passou por sucessivos planos urbanísticos para modernização da cidade, levando à abertura de grandes avenidas para a passagem de veículos e urbanização do interior da ilha (Burnett, 2002).

A partir da urbanização das avenidas Magalhães de Almeida e Getúlio Vargas, a dinâmica comercial começa a transferir-se gradualmente para o interior da cidade e se concentrar em áreas acessadas por veículos. Nessa ótica, o primeiro espaço livre público a ser utilizado para a instalação de uma grande feira livre foi o Mercado Central (Figura 1), localizado na Av. Magalhães de Almeida, no Centro, e inaugurado em 1864, sofrendo uma grande reforma em 1939 para seguir a abertura da avenida e suas novas demandas de veículos. Já a partir da década de 1940, com a Av. Getúlio Vargas, surgem os bairros João Paulo e Monte Castelo, com construções influenciadas pela arquitetura

modernista e novas moradias para as classes abastadas. Com isso, também surgem atividades comerciais em espaços livres dessa área, como a Feira do João Paulo.

Figura 1: Mercado Central de São Luís (MA)



Fonte: Google Earth Pro, 2025.

Com o passar das décadas, houve rápida urbanização da cidade, levando ao surgimento de novos bairros e, consequentemente, de novos mercados públicos, permanentes e estruturados, como o Mercado do Anil e o Mercado do Vinhais (Figura 2) e novas feiras livres, locais temporários e flexíveis no uso de espaços livres, como a Feira da Cohab.

Figura 2: Mercado do Vinhais, São Luís (MA)



Fonte: Google Earth Pro, 2025.

Com isso, é perceptível a mudança de cenário das feiras livres em São Luís, com grande desconcentração de pontos de comércio ao longo da cidade. Porém, a maioria dessas feiras e mercados encontram-se em espaços públicos sem acessibilidade e infraestrutura adequada e com pouco conforto, configurando-se em locais de baixa permanência. À semelhança desse cenário, a Feira do Mangueirão, localizada na Divinéia, também apresenta problemas em sua configuração, sendo cabível maior análise sobre esse contexto.

4 A FEIRA DO MANGUEIRÃO

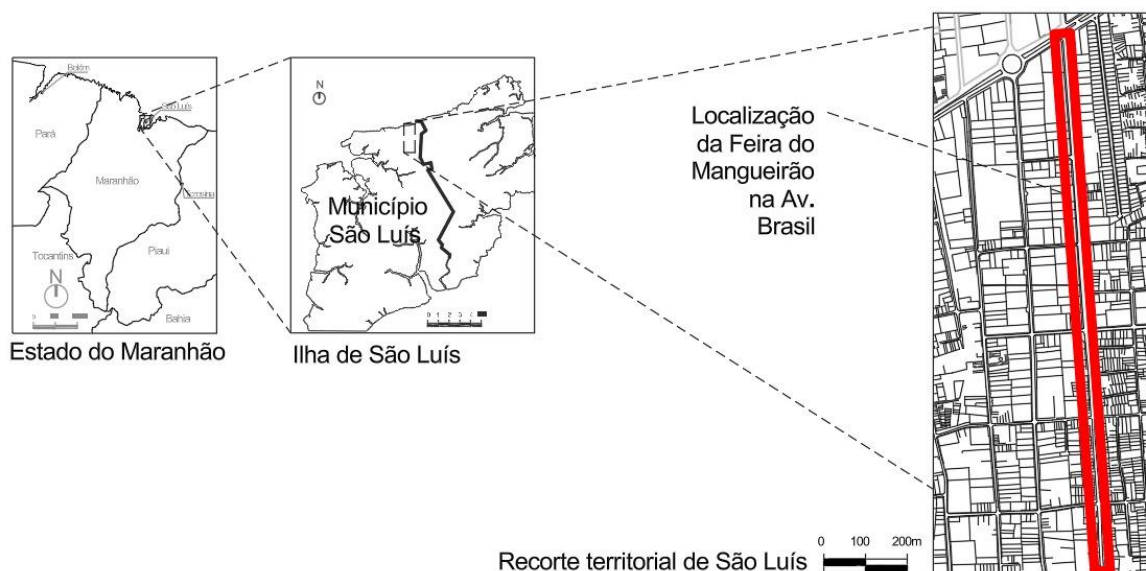
4.1 Surgimento da Divinéia e da Feira do Manguirão

Anteriormente à Divinéia, surge o bairro do Olho d'Água, um balneário que passou a ser habitado pela classe alta de São Luís entre as décadas de 1940 e 1950 por meio de vendas de lotes pela Prefeitura. A partir dessa ocupação, na década de 70, trabalhadores de diversas áreas da cidade mudaram-se para os entornos do Olho D'Água com perspectivas de emprego e melhoria econômica, assentando-se em lotes vazios e sem donos reclamantes, resultando no surgimento do bairro da Divinéia (Vila Divinéia) (Fernandes, 2018).

Inicialmente, o bairro chamava-se Alto da Fome, devido às condições precárias dos assentamentos e dos moradores (Fernandes, 2018). Ainda, devido à ocupação espontânea, não havia infraestrutura urbana, as ruas mantiveram seu traçado tortuoso e as primeiras casas eram em taipa de mão, sem eletricidade e sem abastecimento de água e esgoto, sujeitando os moradores à insalubridade diária (Fernandes, 2018). Nesse cenário, assim como a Vila Divinéia, a Feira do Manguirão surge de forma espontânea, como uma resposta ao ambiente precário do bairro e como finalidade de desenvolver uma atividade econômica que pudesse apoiar os trabalhadores locais e o abastecimento da área.

Atualmente, a Divinéia é um bairro já consolidado na urbanização e na paisagem urbana e conta com uma ocupação mista do seu espaço, havendo grande presença do setor varejista assim como de residências, já erguidas em técnicas construtivas contemporâneas. Dentre as atividades comerciais do bairro, a Feira do Manguirão é a de maior destaque, ocupando grande extensão de uma avenida (Figura 3) e atraindo pessoas de toda a cidade.

Figura 3: Localização da Feira do Manguirão em São Luís e na Avenida Brasil



Fonte: Os autores, 2025.

4.2 A Feira do Manguirão e suas características

A Feira do Manguirão está situada em um trecho da Avenida Brasil, localizada entre a Rua Colômbia e a Rua Peru, no bairro da Divinéia. As barracas dos feirantes ocupam ambos os lados da rua e estão posicionadas na frente de outros estabelecimentos comerciais dentro de edificações, cobrindo suas fachadas. Além disso, essa feira é uma das poucas de São Luís que funciona de domingo a domingo, com horário entre 9h e 18h. Na feira, há grande variedade de produtos e serviços ofertados, como mercearias, açougues, vendas de ração e de animais, trabalhos manuais, vestuário e calçados, entre outros. Quanto às barracas, a maioria apresenta condições precárias, sendo compostas de materiais inadequados como placas de madeira, fios de arame, lonas desgastadas, grades enferrujadas e tijolos cerâmicos. Em adição, a iluminação apresenta riscos de curto-circuito devido à exposição externa da fiação e sistemas “provisórios”.

Em relação à infraestrutura da Avenida Brasil, também são encontrados problemas que afetam diretamente a qualidade do espaço, como a ausência de saneamento adequado e de acessibilidade nas vias públicas, o acúmulo de descartes e desconforto multissensorial devido à falta de arborização, grande quantidade de ruído e alta incidência de luz solar durante os horários de funcionamento. Cabe, ainda, citar o intenso fluxo de veículos junto ao alto número de pedestres, feirantes e barracas, gerando indefinição na mobilidade.

A partir dessa caracterização, foram identificados os problemas que afetam direta e indiretamente a qualidade do espaço público e seus impactos na dinâmica dessa feira livre e sua relação com o bem-estar dos envolvidos. Com isso, é possível afirmar que a Feira do Manguirão ainda carece de infraestrutura adequada para o atendimento de todos os comerciantes e frequentadores, sendo cabíveis intervenções que visem à melhoria da qualidade da vida urbana nesse ambiente.

5 RESULTADOS

Como exposto anteriormente, a relação entre os espaços públicos e as atividades desenvolvidas neles é determinante para a participação popular nesses processos. Assim, a partir das reduzidas qualidades multidimensionais, o acesso e a valorização de atividades como as feiras livres são comprometidos, interferindo na qualidade de vida e da paisagem urbana. A partir dessa circunstância, foi realizado um levantamento qualitativo na Feira do Manguirão para identificação e posterior análise dos problemas que interferem na dinâmica espacial, visando à melhoria local por meio de proposições interventivas.

Primeiramente, vale ressaltar que a referida feira, enquanto local de uso temporário e flexível, não apresenta um espaço especificamente destinado para tal, como seria esperado de um espaço multifuncional, como uma praça, um lote ou um vazio urbano. O local ocupado pela Feira do Manguirão é o espaço público da rua, utilizando por vezes a via carroçável, ou as próprias calçadas. Dessa forma, a própria inserção da atividade de feira no espaço gera conflitos de uso e apropriação local.

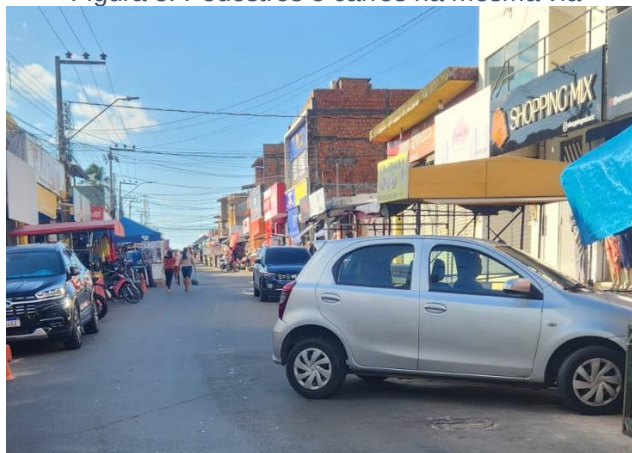
No trecho da Avenida Brasil em que a Feira do Manguirão se localiza, foram identificados diversos problemas que impedem o livre acesso da população e que geram desconforto multissensorial nos comerciantes, frequentadores e moradores da Divinéia. Nesse sentido, houve registro de falta de acessibilidade em ruas e calçadas (Figura 4), indefinição no tráfego de pedestres e veículos (Figura 5), insalubridade e falta de infraestrutura das barracas (Figura 6) e ausência de arborização.

Figura 4: Calçada sem acessibilidade na Feira do Mangueirão



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 5: Pedestres e carros na mesma via



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 6: Exemplo de barraca da Feira do Mangueirão

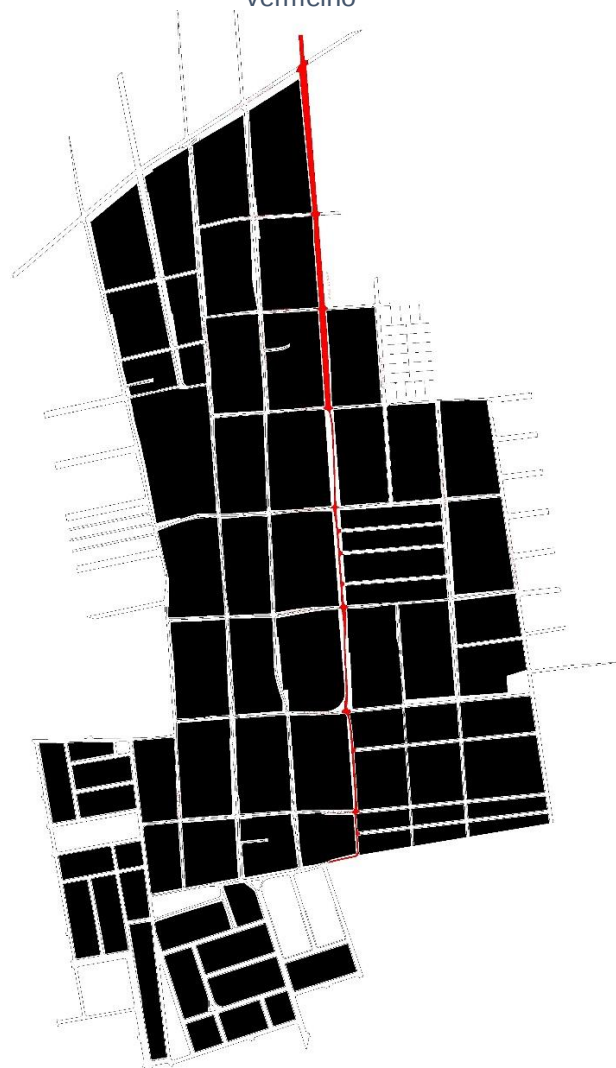


Fonte: Os autores, 2025.

Vistas essas questões, foi realizada a análise do desenho urbano do bairro da Divinéia para melhor entendimento da dinâmica espacial e sua ligação com a Feira do

Mangueirão. Essa análise foi feita a partir da decomposição urbana, com base na teoria da figura-fundo, nos *softwares* Google Earth Pro e Revit, que foram utilizados para a demarcação e destaque de lotes e do traçado das vias. Após essa etapa, foram produzidas imagens que ressaltam a Feira do Mangueirão e o formato do seu entorno, suas barreiras e permeabilidades (Figura 7).

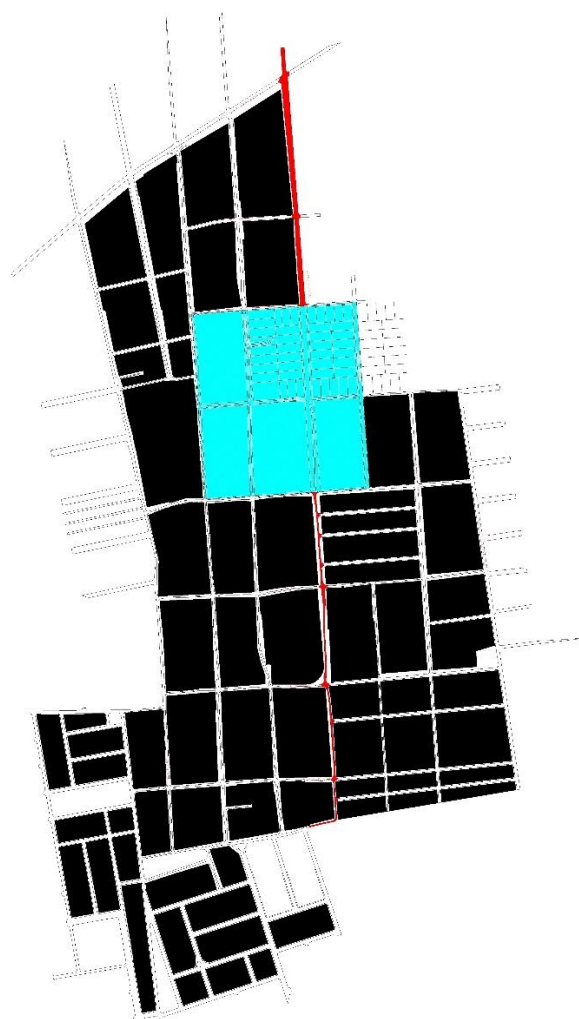
Figura 7: Decomposição urbana da Divinéia com a Avenida Brasil destacada em vermelho



Fonte: Os autores, 2025.

Posteriormente, foi determinado um recorte de 400m x 400m que engloba a feira e parte da Divinéia para serem trabalhadas hipóteses projetuais para intervenções futuras (Figura 8). No recorte analisado, foram elaboradas propostas de realocação da feira para um lote capaz de receber adequadamente uma atividade de caráter temporário, assegurando condições adequadas de instalação, circulação e multiusos. Paralelamente, foram sugeridas melhorias para o espaço atualmente ocupado pela feira, como a regularização das calçadas, a organização dos percursos de pedestres e a redefinição dos fluxos, integrando a mobilidade ao espaço público. Para visualização e avaliação das propostas, foi desenvolvida modelagem tridimensional no software BIM Revit (Figuras 9 e 10).

Figura 8: Recorte de intervenção destacado em azul



Fonte: Os autores, 2025.

A proposta configurou-se como um exercício de criação e simulação projetual, desenvolvido durante a disciplina de Desenho Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, voltado a explorar alternativas espaciais que permitam a implantação de um equipamento multiuso no bairro, capaz de receber a feira pública com maior qualidade, promover sua integração ao contexto local e assegurar condições operacionais apropriadas para seu funcionamento periódico.

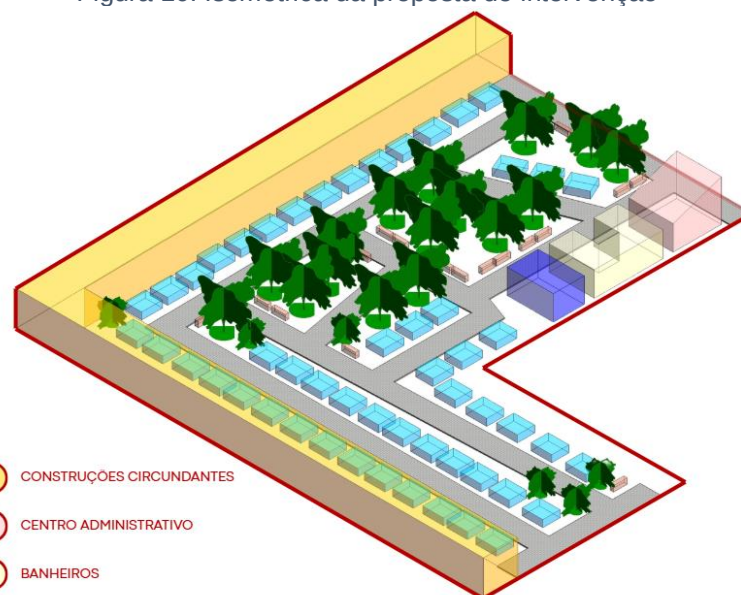
A escolha do terreno destinado ao desenvolvimento da proposta recaiu sobre um vazio urbano identificado no entorno imediato, cuja localização apresenta condições favoráveis para a implantação de um espaço destinado à feira. Trata-se de uma área que pode funcionar tanto como solução temporária quanto, eventualmente, como implantação definitiva, considerando fatores que contribuem para a viabilidade funcional e operacional da atividade, como sua proximidade com a feira atual, a existência de acessos facilitados e a disponibilidade de áreas de estacionamento próximas. Assim, o conceito adotado busca a multifuncionalidade do espaço, tanto como área de permanência quanto de encontros.

Figura 9: Proposição projetual para futuras intervenções



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 10: Isométrica da proposta de intervenção



Fonte: Os autores, 2025.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido permitiu verificar a dinâmica de uma feira livre e sua importância econômica, social e cultural para a população local, enquanto expressão de sua cultura e seu modo de viver. Todavia, quando o funcionamento de uma feira livre proporciona problemas que afetam o local e o pleno funcionamento dessa atividade, ocorre um distanciamento entre a população e o ambiente, levando à ocorrência de inacessibilidade, estigmas sociais quanto às práticas tradicionais desenvolvidas e diminuição da qualidade de vida para frequentadores e moradores dos arredores.

Nesse cenário, a Feira do Manguirão se configura como não apenas um local de comércio, mas também um espaço de resistência frente às adversidades ao longo da formação da Divinéia, havendo valorização e promoção de produtos regionais, identificação cultural dos moradores com a atividade, influência sobre outras áreas da cidade e a criação de uma imagem popular dessa feira livre, definindo a paisagem urbana.

Nesse sentido, a partir da identificação e análise dos problemas locais, bem como a consequente proposição de orientações para futuras intervenções, torna-se possível mitigar o atual cenário e promover a qualificação de um espaço em que haja a valorização das relações sociais e fortalecimento da urbanidade. Dessa forma, contribui-se para a consolidação da dimensão humana da paisagem urbana e melhorias do seu planejamento.

REFERÊNCIAS

BURNETT, Carlos Frederico Lago. **Além do rio Anil, Urbanização e Desenvolvimento Sustentável: estudo sobre a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão**, 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

FERNANDES, Leandro da Silva. GEOGRAFIA DA CRIMINALIDADE: O CASO DA TERRITORIALIZAÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO DIVINEIA EM SÃO LUÍS/MA. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 35, No. 3, 2018.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. Tradução de Sérgio L. dos Santos. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013.

LOPES, José Antônio Viana. **Capital Moderna e Cidade Colonial: o pensamento preservacionista na história do urbanismo ludovicense**, 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

NUNES, Mariana Rosa Abdala Arôso. **REDESENHO URBANO: um estudo de viabilidade da Feira do Manguirão na Avenida Brasil no bairro da Divinéia em São Luís, Maranhão**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

PEREIRA FILHO, Walber da Silva. **PAISAGEM URBANA NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS (MARANHÃO): Análise de Conteúdo a partir da Netnografia em Meios de Comunicação**, 2024. 119 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço) – Universidade Estadual do Maranhão, 2024.